



Educação. Revista do Centro de Educação
ISSN: 0101-9031
ISSN: 1984-6444
claubell@terra.com.br
Universidade Federal de Santa Maria
Brasil

Concordância verbal na escola: pela superação do ensino puramente gramatical

Nunes Souza, Gleiciane; Mustafa Silva Correia, Alessandra ; Peres Lima, Hadhianne

Concordância verbal na escola: pela superação do ensino puramente gramatical

Educação. Revista do Centro de Educação, vol. 41, núm. 3, 2016

Universidade Federal de Santa Maria

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117149982016>

tribution-NonCommercial 3.0 Unported (CC BY-NC 3.0)

Gleiciane Nunes Souza Correspondência gleiciane10@gmail.com

Universidade Federal do Acre, Brasil

Alessandra Mustafa Silva Correia ale.mustafa@hotmail.com

Universidade Federal do Acre, Brasil

Hadhianne Peres Lima hadhianne@hotmail.com

Universidade Federal do Acre, Brasil

Recepção: 25 Julho 2015

Aprovação: 28 Novembro 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/1984644418924>

Redalyc: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117149982016>

Resumo:

O objetivo deste artigo é fomentar a discussão sobre as variações da língua no que tange às ocorrências da concordância verbal. Para tanto apresentamos uma abordagem a partir da gramática normativa em oposição à gramática moderna, bem como a maneira com que esta temática se mostra nos livros didáticos do ensino fundamental, enfocando a visão variacionista da língua, segundo a qual as regras de concordância são variáveis e podem ser concretizadas ou não em função de diferentes e diversos fatores linguísticos e extralinguísticos. Por fim, apresentaremos ainda sugestões de atividades que possibilitam esta discussão em sala de aula, visando proporcionar ao aluno uma aprendizagem em que sejam considerados todos os aspectos da língua, sejam eles pautados nos ensinamentos da gramática normativa ou na sociolinguística variacionista.

Palavras-chave:

Concordância verbal, Livro didático, Variação linguística.

Abstract:

The purpose of this article is to foster the discussion of the language variations regarding the occurrences of verbal agreement. Therefore present an approach of the normative grammar as opposed to modern grammar and the manner in which this subject is shown in textbooks of elementary school focusing on the variationist view of the language, according to which the agreement rules are variables and can be implemented or not as a function of different and diverse linguistic and extra-linguistic factors. Finally, still present suggestions of activities that enable this discussion in the classroom in order to provide the student with learning which are considered all aspects of the language, whether guided the teachings of the normative grammar or sociolinguistic variationist.

Keywords:

World bank, Educational policies, Teaching work.

Considerações iniciais

A necessidade de superação de velhos paradigmas que desde muito cercam a gramática numa redoma de regras específicas a serem seguidas pelo usuário da língua, torna-se cada vez mais urgente. Percebemos que o domínio, assim como o uso desse conjunto de “fórmulas” que regem a maneira correta de falar, nunca foi categórico. No que concerne à regra da gramática normativa para o ensino de concordância verbal, por exemplo, que propõe que o verbo deve se conformar ao número e pessoa do sujeito, há inúmeras variações decorrentes de fatores que levam em conta a localidade, a faixa etária e a escolaridade do falante. Desse modo, fica patente que a língua não pode ser classificada como um fenômeno heterogêneo, e portanto, não deve ser trabalhada ou ensinada como se fosse.

A ideia de que a língua é uniforme e de que os preceitos da norma culta são melhores ou mais adequados que outros, não passa de um mito que, por vezes, desprivilegia os diferentes modos de falar, estigmatizando os usuários como pessoas analfabetas ou iletradas. Tal conceito deve já estar ultrapassado, pois

existem situações sociais diferentes, logo, deve haver, também, padrões de uso de língua diferentes. A variação, assim, aparece como uma coisa inevitavelmente normal. [...] Além disso, a língua só existe em sociedade, e

Autor notes

Gleiciane Nunes Souza – Rua sen. Guimard, nº 363, Conj. Vila Betel 2. CEP: 69915-278 – Rio Branco, Acre, Brasil.

toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável e, por conseguinte, com usos diversificados da própria língua. (ANTUNES, 2007, p.104).

Destarte, os estudos modernos sobre a língua vão além de qualquer formalismo abstrato e buscam estimular os avanços em favor de um ensino da gramática não focalizado apenas na normatividade e na estrutura, mas em fatores que desconstruam as visões equivocadas de que uma comunicação eficaz só é possível se estiver em conformidade com o que prescreve a Norma Padrão.

Além disso, os processos educacionais estão em constante evolução e todos os aspectos que envolvem as práticas comunicativas devem ser considerados, especialmente dentro da escola, onde as ocorrências da língua não padrão são mais presentes tanto nas formas orais quanto escritas. Devemos, pois, considerar sua variabilidade e valorizar a linguagem própria do aluno, aquela que ele utiliza em seu cotidiano e que constitui sua mais genuína forma de expressão. Dialogando com Bagno,

É preciso [...] que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes da variedade não-padrão. (BAGNO, 2007, pg. 18).

Isso não significa dizer que a Gramática Normativa não deva ser apresentada ao aluno ou que precise ser omitida enquanto objeto de estudo em sala de aula. Pelo contrário, não devemos negar aos leitores a possibilidade de conhecer a diversidade da língua portuguesa, mas sim, através do estudo das variações, desmitificar crenças como “Só fala certo quem usa a língua padrão” ou “Só quem estudou sabe falar bem o português”. Essa maneira – negativa – de enxergar a GN como única e perfeita referência da comunicação fortalece o preconceito já cristalizado de que a única língua portuguesa aceitável seria aquela ensinada nas escolas e clarificada pelos cânones da linguística, além de tornar irrelevante o fato de que a maioria das gramáticas aborda uma variedade específica, em detrimento da língua viva, a que verdadeiramente é utilizada pelos falantes de todo o país.

Concordância verbal na sala de aula

Muitos estudos sobre as questões de variação já foram realizados, no entanto, as análises destas investigações continuam inacessíveis para muitos professores, que por vezes esbarram em coordenações pedagógicas despreparadas e defensoras de um ensino de gramática voltado para a normatividade, um ensino totalmente desvinculado do contexto social em que ocorre. No tocante à conformidade sujeito/verbo, Vieira nos diz que

Concordância gramatical é aquela que atende às exigências postuladas na regra geral, enquanto a ideológica (ou silepse ou sínese) envolve realizações que não se enquadram nas regras básicas propostas pela gramática. (VIEIRA, 1995, p. 86).

Sobre as ocorrências ou não ocorrências da concordância verbal no português brasileiro, merecem destaque os estudos de Vieira (1995) – realizados com falantes analfabetos ou semialfabetizados – e de Graciosa (1991) – realizados com falantes com curso superior completo. A partir destas investigações, desenvolvidas especificamente com falantes do Rio de Janeiro, é possível mensurar as variações extralinguísticas a partir da escolaridade do indivíduo. Os resultados destes e de outros estudos envolvendo as questões de variação evoca uma dúvida que já não é tão recente entre professores e linguistas: o que fazer para superar o ensino puramente mecânico da gramática nas escolas brasileiras? Segundo Almeida,

Deveríamos trabalhar com a ideia de acréscimo de variedades a serem dominadas. Em outras palavras, além do vernáculo que o aluno já domina, acrescentaríamos o estudo da norma culta [...] proporcionando, assim, o domínio da língua efetivamente realizada e que, em muitos contextos, diverge da norma padrão. Esse domínio, por sua vez, pode acontecer sem traumas para o aluno se o professor tiver consciência da variação. (ALMEIDA, 2004, p. 257).

Se a variação é parte da sociedade e reflexo da heterogeneidade da língua, em sala de aula é onde ela se revela em sua forma mais simplista, pois quando vai à escola, o aluno, que já domina o idioma, espera aprender a aperfeiçoar a linguagem e falar “corretamente” e, para muitos professores, isso só é possível através da gramática normativa. A questão é que esta já não atende às propostas de metodologias modernas, que sugerem um trabalho com a língua que vai além de teorias conteudistas e estáticas. Para Almeida e Zavam,

[...] a GN nos serve, por exemplo, para tirar dúvidas relativas à regência de alguns verbos, a certas concordâncias, à acentuação das palavras, diante de situações em que se exige a norma padrão. Quando a usamos dessa forma, estamos utilizando-a como obra de referência, o que é perfeitamente válido. (ALMEIDA; ZAVAM, 2004, p. 238).

Quando o assunto é concordância verbal, a presença massiva da não ocorrência na fala decorre não apenas de variáveis extralinguísticas, como condição social ou faixa etária, mas é basicamente condicionada pela “ordenação dos argumentos do verbo, distância entre o núcleo do sintagma nominal e o verbo, e paralelismo formal das sequências verbais no discurso.” (VIEIRA, 1995, p. 88).

No tocante à realização da regra, de acordo com Graciosa (1991) “a concordância é bastante produtiva e acentuadamente favorecida no contexto em que o sujeito está anteposto e próximo ao verbo e o verbo se encontra em uma sequência discursiva.”

O registro dos estudos linguísticos realizados a partir da análise da ocorrência da concordância verbal

Evidencia com clareza que o fenômeno da variação na concordância de número no português falado do Brasil, longe de ser restrito a uma região ou classe social específica, é característico de toda a comunidade de fala brasileira, apresentando diferenças mais de grau do que de princípio, ou seja, as diferenças são mais relativas à quantidade de marcas de plural e não aos contextos linguísticos nos quais a variação ocorre. (SCHERRE, 1994, p. 2).

A partir destas considerações podemos diagnosticar os fatores linguísticos que favorecem a não ocorrência da concordância verbal e dessa forma assumir a responsabilidade direta em direcionar, na sala de aula, reflexões mais consistentes sobre a heterogeneidade da língua, principalmente a língua falada, que é pouco privilegiada na escola e que apresenta, também inúmeras ocorrências das variações de concordância em todas as regiões do país.

Nos dados da fala, verifica-se que a área de ampla variação se dá em construções com sujeito plural. São raros os casos de sujeito singular controlando concordância plural nos verbos. Pelo que é do nosso conhecimento, tal possibilidade, certamente não produtiva no português do Brasil, embora estereotipada, só existe quando se trata de sujeito humano de natureza coletiva, do tipo o povo aplaudiram o presidente, a gente andamos muito. (SCHERRE, NARO, 1998, p. 56).

Tais eventos linguísticos, no entanto, são pouco trabalhados em sala de aula, pois há constante preocupação por parte dos professores em transmitir o ensino de gramática tal como se apresenta nos livros didáticos. Também há forte tendência em reprimir as ocorrências que não estão em conformidade com a norma padrão, pois a escola resiste em reconhecer as variedades decorrentes da região, situação socioeconômica, nível de escolaridade e faixa etária do falante e que “não é decorando as páginas da gramática normativa que uma pessoa será capaz de falar, ler e escrever adequadamente às diversas situações”. (BAGNO, 2007, p. 180).

É papel do professor democratizar o ensino escolar, familiarizando o aluno com as variantes linguísticas sem, no entanto, substituir um uso por outro. O estudante deve ter acesso ao ensino variacionista não porque exista uma forma certa e outra errada de falar, mas porque a língua é múltipla, é variável e está longe de ser um fenômeno absoluto.

O que propõem os livros didáticos

As discussões e estudos sobre novas metodologias de ensino do português acerca da premência de ultrapassar a ideia de que a gramática é implacável, ficaram mais fortes desde 1998, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Era esperado que, com o passar do tempo, as escolas fossem se despidendo dos velhos conceitos e assumindo posturas mais tolerantes quanto às modalidades linguísticas trabalhadas em sala de aula. No entanto, quando se procede à análise do material utilizado pelos docentes, dezesseis anos após a publicação dos PCN's, percebe-se que alguns desses antigos padrões ainda resistem e são transmitidos aos alunos através dos livros didáticos.

De acordo com a tradição gramatical, é o sujeito que desencadeia a concordância com o verbo, ou seja, sujeito no plural pede verbo no plural e sujeito no singular, pede verbo no singular. Entretanto, os episódios em que o verbo aparece antes do sujeito são frequentes no português brasileiro e construções do tipo Chegou as crianças e Caiu muitas fruta do pé são muito comuns nas práticas orais. Todas estas questões deveriam ser consideradas pelo livro didático, bem como a abordagem de outras variantes linguísticas, porém, essa ferramenta nem sempre satisfaz os objetivos de ensino da língua enquanto fenômeno movediço, em constante construção.

O livro didático Projeto Teláris destinado aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, foge a essa regra ao propor nas atividades sobre concordância verbal, página 258, a seguinte questão:

4. Leia o trecho da letra de música:

Inútil

A gente não sabemos escolher presidente

A gente não sabemos tomar conta da gente

A gente não sabemos nem escovar os dentes

Tem gringo pensando que nós é indigente

Inútil!

A gente somos inútil!

Inútil

A gente somos inútil!

[...] (MOREIRA, 2005)

Pergunta: Qual a provável intenção do autor da letra ao fazer essas escolhas de linguagem?

Resposta: Uma das possibilidades é a intenção de criticar o fato de o povo não perceber o que ocorre à sua volta. Outra é a intenção de criticar aqueles que se preocupam com formalidades, regras, sem também observar o que passa à sua volta. (BORGATO, BERTIN, MARCHEZI, 2013, p. 258).

A proposta de atividade acima é um convite à reflexão acerca dos diferentes usos da língua e suas adequações em acordo com o contexto em que é apresentada. O professor pode desenvolver, a partir desta atividade, um debate produtivo com foco nas variações a partir do aspecto regional, por exemplo. Também é uma excelente oportunidade de desenvolver as práticas de oralidade.

O mesmo não ocorre com a proposta apresentada pelo portal do MEC, o endereço eletrônico que oferece sugestões de atividades que podem ser utilizadas em sala de aula. Com base na letra de música anterior, a plataforma propõe as seguintes perguntas:

- Nessa canção há alguma ocorrência inadequada em relação ao padrão culto da língua? Justifique sua resposta.
- Há nessa música particularidades em relação à concordância do verbo. Qual a intenção do autor ao utilizar esse recurso?
- Essa canção se aproxima da língua falada. Justifique essa afirmação.
- Como ficaria essa canção no padrão culto da língua?

Nesta atividade podemos facilmente inferir a presença da velha e desgastada dicotomia do “certo” e “errado”. Ocorre neste exemplo a sugestão de que existe uma linguagem correta, para a fala e para escrita, e uma outra, errada e, por isso mesmo, de uso impróprio para o falante que frequenta a escola e conhece as regras gramaticais. A sala de aula, porém, deve ser o espaço onde todas essas crenças precisam ser desconstruídas, pois levando em conta que o Brasil é o 8º país do mundo com o maior número de adultos analfabetos distribuídos em um território onde impera a desigualdade social grande parte da população não tem acesso à escola e permanece à margem de uma norma culta, reconheceremos que é, não apenas necessário, mas fundamental valorizar o alto grau de diversidade da língua portuguesa para assim torná-la, de fato, democrática.

Vejamos um exemplo de atividade presente no livro Araribá Língua Portuguesa, 9º ano, página 96:

Figura 1

Figura 1



a) Reescreva o primeiro balão da tira de acordo com a variedade padrão da língua.

b) Que frase da tira confirma a observação de Eddie Sortudo?

Texto 2 (p. 149)

Último acorde do violino solitário

Nada sei sobre a vidinha do

Pernilongo que mato indiferente

Nada sei sobre a vidinha do

Pernilongo que mato indiferente

Na parede.

Mas desconfio que era a única

Que ele tinha (TEIXEIRA, 1984).

1. O autor empregou a regência de um verbo de acordo com o uso coloquial e não de acordo com a variedade padrão. Copie o trecho do poema em que isso acontece.

Nestas atividades, percebemos que não há margem para reflexão eficiente a respeito das variações, e isso não contribui para o desenvolvimento da competência linguística do aluno. Em uma das questões, o autor emprega o termo “uso coloquial”, em oposição ao termo “uso padrão”, o que sugere que todas as palavras que divergem da gramática normativa são, por consequência, erradas. A esse respeito, Bagno faz o seguinte esclarecimento:

A norma-padrão (...) é um construto sociocultural, uma norma no sentido mais jurídico do termo, uma espécie de ‘lei linguística’ que prevê a condenação e a punição dos infratores. Por isso, não é correto usar os termos ‘língua-padrão’, ‘variedade-padrão’, ‘dialeto-padrão’, porque não existe língua, variedade e dialeto sem falantes reais, e ninguém fala a norma-padrão. (BAGNO, 2007, p. 98).

Outras ocorrências que privilegiam apenas as definições impostas pela gramática normativa podem ser encontradas também em livros do Ensino Médio, como o distribuído nas escolas pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação sob o título Português: de olho no mundo do trabalho, volume único para o Ensino Médio, da Editora Scipione, 2006, que traz na página 302 a seguinte atividade de concordância verbal:

Questão 1

“Acabavam de soar as 9 e três quartos no relógio do castelo e ele a nada se atrevera ainda. Indignado com a própria covardia, Julien pensou: ‘Precisamente no momento em que o relógio bater 10 horas, hei de executar o que durante todo o dia me comprometi a fazer, ou então subo ao meu quarto e rebento os miolos’.” (Stendhal, 1979).

Com relação ao texto acima:

- a) Justifique a concordância de “acabavam de soar”.
- b) Qual a função sintática de “no relógio do castelo”?
- c) Justifique a concordância de bater.

Mais uma vez é nítida a presença marcante do ensino purista e mecânico da gramática. Como em outros exemplares de livros didáticos, a definição de concordância também não possibilita qualquer tipo de análise a respeito do estudo variacionista da língua. No objeto de análise em questão, a divisão do conteúdo se faz da seguinte maneira:

Sintaxe de concordância

Definição: é o mecanismo através do qual as palavras alteram suas terminações para se adequarem harmonicamente umas às outras na frase.

Concordância verbal: - Regra geral - O verbo e o sujeito devem concordar em número e pessoa.

Casos particulares:

- Nomes que só se usam no plural;
- O sujeito é o pronome relativo que;
- O sujeito é mais de um/mais de dois;
- Verbos dar, bater, soar indicando horas;
- Verbos com índice de indeterminação do sujeito;
- Verbos com partícula apassivadora;
- Verbos haver e fazer impessoais;
- Sujeito composto;
- Sujeito composto resumido por pronome;
- Sujeito composto formado de pessoas diferentes.

O reflexo do ensino purista não pode ser notado apenas na maneira em que o conteúdo é organizado nas páginas do livro. Algo ainda mais curioso chama a atenção no canto direito da página 299, a respeito do trabalho desenvolvido pelo professor de português:

Na escola, cabe ao professor de Português transmitir as regras de uso da língua. É dele a função de ensinar os alunos a identificar os diferentes tipos de linguagem e as leis gramaticais, de treiná-los na redação, compreensão e interpretação de textos e de desenvolver-lhes o interesse pela Literatura [...]. (NICOLA, TERRA, 2006).

No entanto, o papel do professor vai muito além. A escola não pode mais se furtar diante das mudanças propostas por um ensino que valorize as variações, e não apenas exclua o falante estigmatizando-o como detentor de uma linguagem subalterna, que sobrevive às margens da Gramática Normativa.

As novas propostas de ensino apontam para a instituição de uma aprendizagem cada vez mais significativa. E de que outra forma tornaremos isso possível senão valorizando o que há de mais relevante para o indivíduo?

O estudo variacionista deve fazer parte das sequências didáticas, dos planejamentos, das reuniões e capacitações pedagógicas que estejam efetivamente comprometidas com o desenvolvimento das habilidades discursivas dos alunos, tanto orais quanto escritas, e com a formação de um sujeito capaz de pensar criticamente sobre sua própria língua.

Do mesmo modo, são tão indispensáveis quanto urgentes novas análises dos materiais voltados ao ensino da Língua Portuguesa, que são trocados a cada três anos nas escolas, mas cuja abordagem não avança para a visão dinâmica e mutável da língua. Antes, segue privilegiando antigos padrões, que funcionam como fortes elementos estratificadores, impondo ao aluno uma insegurança linguística desnecessária, a qual é dever do educador desagregar.

Considerações finais

Levar em CD a música Saudosa maloca, de Adoniran Barbosa. Distribuir a letra aos alunos para que acompanhem a audição.

Propostas de atividades que visam discutir as variações linguísticas em sala de aula

Levar em CD a música Saudosa maloca, de Adoniran Barbosa. Distribuir a letra aos alunos para que acompanhem a audição.

Saudosa maloca:

Si o senhor não “tá” lembrado

Dá licença de “contá”

Que aqui onde agora está

Esse “edifício arto”

Era uma casa véia

Um palacete assobradado

Foi aqui seu moço

Que eu, Mato Grosso e o Joca

Construímo nossa maloca

Mais, um dia

Nóis nem pode se alembra

Veio os homi c’as ferramentas

O dono mandô derrubá

Peguemo todas nossas coisas

E fumos pro meio da rua

Aprecia a demolição

Que tristeza que nós sentia

Cada táuba que caía

Duia no coração

Mato Grosso quis gritá

Mas em cima eu falei:

Os homis tá cá razão

Nós arranja outro lugar

Só se conformemo quando o Joca falou:

“Deus dá o frio conforme o cobertor”

E hoje nós pega a páia nas grama do jardim

E prá esquecê nós cantemos assim:

Saudosa maloca, maloca querida,

Dim dim donde nós passemos os dias feliz de nossas vidas

Saudosa maloca, maloca querida,

Dim dim donde nós passemos os dias feliz de nossas vidas. (BARBOSA, 2011).

Habilidade – Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

Durante a leitura do texto, percebemos algumas variações quanto ao uso da concordância verbal na fala do eu lírico. Com base nesta assertiva, responda às questões a seguir:

- a) As variações encontradas trouxeram algum prejuízo à compreensão da música?
- b) O interlocutor usa uma linguagem característica de que provável região?
- c) Note que o texto em questão é um samba. Considerando as características deste gênero, você acha que a linguagem utilizada é adequada?
- d) Sabemos que a variação linguística também ocorre em diferentes grupos sociais. Pensando nisso, a que grupo você acha que o eu lírico pode pertencer?

Observe a charge:

Figura 2

Figura 2



Questão 2

Habilidade – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.

A charge acima foi publicada por um jornal brasileiro por ocasião da eleição do sul-coreano Ban Ki-moon, como presidente da ONU, e da realização de um teste nuclear a mando do ditador norte-coreano Kim Jong-il.

Observe o emprego do verbo vencer nos dois quadrinhos e responda:

- Como a diferença de emprego sintático do verbo modifica o sentido das duas frases?
- “Reconstrua” as duas frases, de maneira que os sentidos sugeridos pelas imagens fiquem, também, explícitos no texto escrito.
- Procure dar exemplos de outras ocorrências em que a variação quanto ao uso do verbo também modifica o sentido do texto.

Questão 3

Habilidade: Reconhecer a importância da valorização da diversidade linguística com base na região a que pertence o falante.

– Levar em áudio textos do poeta nordestino Patativa do Assaré. Fazer a audição com os alunos e sem seguida propor uma roda de conversa cujo tema se concentre na articulação dos elementos linguísticos e outros de natureza não-verbal (gestos, entonação, ritmo, por exemplo) para o reconhecimento de intenções, valores e preconceitos veiculados no discurso.

– Com seus colegas, organize leituras dramatizadas de textos que privilegiem a variante de diferentes regiões do país. Ao final, o grupo deve expor para a classe suas impressões acerca da atividade proposta levando em consideração que a principal função da língua é promover a comunicação entre os falantes.

Referências

ALMEIDA N.; ZAVAM, A. (orgs.) A língua na sala de aula: questões práticas para um ensino produtivo. Fortaleza: Perfil Cidadão, 2004.

ANTUNES, I. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, M. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. Preconceito Linguístico: o que é e como se faz. 48ª edição. Loyola: São Paulo, 2007.

Barbosa, A. Saudosa Maloca, grandes sucessos. Universal Music, 2011.

BORGATTO, A. T.; BERTIN, T.; MARCHEZI, V. Projeto Teláris. 1ª edição. Atica: São Paulo, 2012.

GRACIOSA, D.M.D. Concordância verbal na fala culta carioca. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1991.

MOREIRA, R. R. Inútil. In: Ultraje a rigor. Acústico MTV. Deckdisc, 2005.

NICOLA, J.; TERRA, E. Português: De olho no mundo do trabalho. São Paulo: Scipione, 2006.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. dez. de 1994.

Stendhal. O vermelho e o negro. São Paulo: Abril, 1979. p. 60.

TEIXEIRA, U. Caindo na real. São Paulo. Brasiliense. 1984.

VIEIRA, S. R. Concordância verbal. In: Ensino da gramática: descrição e uso. BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; VIEIRA, Sílvia Rodrigues (orgs). São Paulo: Contexto, 2007.